



O TRIPEIRO



sumário

FERNANDO PESSOA - por A. C.	321	A IGREJA DE NOSSA SENHORA DA ESPERANÇA	350
MEMÓRIAS DO PORTO CULTO - por António Cruz	323	por Maria Helena Pimentel Neves Barbosa	
RAÍZES DA CULTURA DA TERRA PORTUGUESA		UMA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE FOTOGRAFIA	
por A. C.	332	NO PORTO, EM 1866 - por Manuel Magalhães	357
REIS, COROAS E CEPTROS - por Jorge Campos Tavares	335	ACHEGAS PARA UMA MONOGRAFIA DA FREGUESIA	
DA «MARIA DA FONTE» E DA «PATULEIA»		DE MIRAGAIA - por António Abrantes	363
por Augusto Ferreira	338	UM PEQUENO MUSEU DO AZULEJO: BIBLIOTECA	
JOÃO DO BURACO - por Pinho da Silva	342	MUNICIPAL DO PORTO - por Agostinho Guimarães	372
O DESAPARECIDO MAS AINDA LEMBRADO JARDIM		NO «SÉCULO DAS LUZES» - por F. C.	377
DE PASSOS MANUEL - por Horácio Marçal	344	MEMÓRIA DOS ANOS 30 - por Ercílio de Azevedo	380
VIDA CULTURAL: ÓRGÃOS DA SÉ DO PORTO	347	Colaboração Fotográfica de <i>Queirós de Faria</i>	

MEMÓRIAS DO PORTO CULTO

AS BODAS DE PRATA DA RESTAURAÇÃO DA FACULDADE DE LETRAS

Por **ANTÓNIO CRUZ**

A Faculdade de Letras do Porto pode—e deve—comemorar no próximo ano as «bodas de prata» da sua restauração, determinada pelo Decreto-Lei de 17 de Agosto de 1961. A data integra-se, no entanto, no calendário académico do ano lectivo que decorre (1985-1986), razão bastante para desde já corresponder ao pedido amigo de docentes e antigos alunos da Escola que nos foi dirigido, para contarmos, embora ao correr da pena, como foi porfiadamente tentada e, finalmente, conseguida, a almejada restauração.

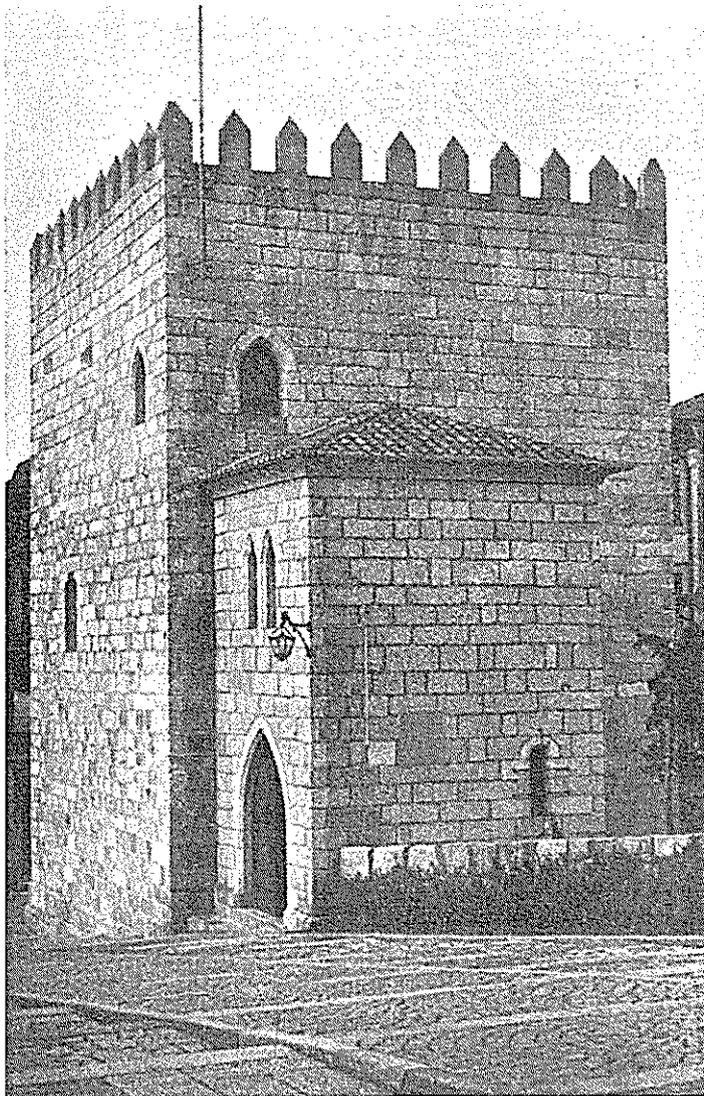
Aqui juntamos, e só por isso, algumas notas sobre aquela data assinalável—como que a concorrer, desde já, para que ela seja, efectivamente, assinalada.

1. Ficou a dever-se ao Prof. Doutor João Lopes Martins, da Faculdade de Medicina do Porto e, ao tempo, membro do Governo, a primeira proposta, em 1915, para a criação de uma Faculdade de Letras na Universidade a que ele pertencia. Não logrou bom êxito a sua iniciativa. Quatro anos depois, ao ocupar e desempenhar o cargo de Ministro da Instrução Pública, foi o grande e inesquecível pensador Leonardo Coimbra, ao tempo professor liceal, e então também Ministro, quem deu resposta positiva à Universidade, à própria cidade e a toda a região que a tem como cabeça: a

Faculdade de Letras do Porto era, finalmente, uma realidade, criada pelo Decreto n.º 98, de 10 de Maio de 1919.

Não foi pacífica, nem veio a permiti-lo o circunstancionalismo da época, a execução de tal decreto. Sobretudo, porque implicava—por disposição nele contida—a extinção de outra escola superior: a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Serenados os ânimos e prevalecendo a Justiça, veio uma nova disposição (contida na Lei 861, de 27 de Agosto de 1919) a confirmar a criação, na Universidade do Porto, de



PRIMEIRA SEDE, PROVISÓRIA, DO CENTRO DE ESTUDOS HUMANÍSTICOS

«uma Faculdade de Letras, com um quadro de disciplinas, grupos e secções análogos aos das mesmas Faculdades de Lisboa e Coimbra».

Decorridos nem sequer nove anos, era extinta a Faculdade de Letras do Porto (decreto de 14 de Abril de 1928). Havia direitos adquiridos a respeitar, quanto aos alunos que a frequentavam, e tais direitos obrigaram a prolongar o funcionamento das secções da escola, vedando, no entanto, a inscrição de novos alunos. Daqueles que á data da extinção a frequentavam, o último a licenciar-se, no dia 29 de Julho de 1931, foi António Azevedo de Sousa Alvim, em Ciências Histórico-Filosóficas. Com ele, fixou-se em sete dezenas e meia o número de licenciados pela Faculdade extinta.

Muitos desses licenciados—como lembrou o saudoso Prof. Doutor Luís de Pina, em 1966, nas páginas da revista **Cale**—vieram a ser Professores da Universidade e liceais, historiadores, homens de Letras, críticos de Arte, filósofos, etc., contando-se no seu número muitas senhoras. Mas a história da inolvidável Escola está compendiada no estudo acima citado e tem merecido sucessivas evocações da parte do seu antigo aluno—e dos mais aproveitadôs—Dr. Santana

Dionísio, ilustre colaborador de O TRIPEIRO. Dispensamo-nos, pois, de a abordar, por agora: não é este o momento próprio para o fazer e outro propósito nos anima desta vez.

A PRIMEIRA FASE DA VIDA DA FACULDADE DE LETRAS E A LUTA PELA SUA RESTAURAÇÃO

2. Não havia sido pacífica a criação, em 1919, da Faculdade de Letras do Porto e também o não foi a sua extinção, em 1928. Sobretudo, a partir do seu encerramento definitivo: o respectivo Conselho reuniu pela última vez no dia 30 de Julho de 1931. Assinale-se que ao reunir pela última vez, o Conselho, entre outras resoluções, deliberou agradecer «a todas as entidades que se interessaram pela restauração da Faculdade de Letras do Porto».

Mas... infrutuoso, tal interesse! Quem não desanimou foram os antigos alunos da Escola e seus graduados, formando ao seu lado muitos daqueles que colhiam o fruto das lições desses mestres, na maior parte animadas por extraordinária vivência, própria de quem havia sido tocado pela varinha mágica da convivência e fácil transmissão! E foram esses, os antigos alunos—e os seus discípulos, nos liceus e na Universidade—quem veio a travar uma batalha sem desfalecimentos, para que a prestigiada e necessária Faculdade viesse um dia a ser restaurada!

Anos decorridos (em 1945), a campanha foi reanimada, após longo espaço de tempo em que não mais se detecta do que uma ou outra referência à Faculdade extinta, aos seus mestres e alunos que continuavam a afirmar, pelo seu labor, o espírito da grande Escola do Porto.

Naquele ano (Janeiro), iniciava a sua publicação, no Porto, um novo diário, **A Tarde**. E uma das primeiras campanhas mantidas nas suas colunas foi motivada pela urgente necessidade de conseguir a restauração da Faculdade de Letras do Porto.

Colaboraram nessa campanha—através de antigos ou crónicas da sua autoria e de entrevistas que concederam—antigos professores e alunos da desaparecida Faculdade.

Na oportunidade e no propósito, o grande pensador Álvaro Ribeiro observava:

«É lícito que a Cidade do Porto pretenda ser dotada com as escolas e os institutos científicos que constituem uma Universidade, pois nada justifica que a região do norte se encontre em situação de inferioridade quanto a estabelecimentos de ensino superior...

«O exemplo, sempre presente, é o da extinta Faculdade de Letras da Universidade do Porto.»

Quando o diário **A Tarde** suspendeu a publicação (Outubro de 1945), estava relançada a campanha para a restauração da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Campanha essa que encontrou eco na imprensa da época, nomeadamente da parte dos restantes jornais do Porto e num

ou noutra de Lisboa, nesse caso pela pena dos seus delegados locais, bem como em revistas (na série então em curso de O TRIPEIRO» pouco tempo antes iniciada sob a direcção do saudoso Dr. A. de Magalhães Basto, que havia sido professor da desaparecida faculdade).

A chama votiva do altar da saudade havia sido reacendida. Chegavam, entretanto, novas lembranças das singularidades da desaparecida Escola e das altas qualidades dos seus Professores ao conhecimento do grande público, através de crónicas, páginas de memórias e artigos dos seus antigos docentes e discentes. E foi com bem fundadas esperanças, a partir do coro do empenhado apoio que ficou a dever-se a entidades e vultos da cidade e não só, sem esquecer a reacção favorável das entidades cidadinas, que se entrou no ano seguinte de 1946.

ALTOS ESPÍRITOS COLOCADOS À FRENTE DA UNIVERSIDADE E DA CÂMARA DO PORTO

3. Entretanto, veio a verificar-se a feliz coincidência de serem chamados ao desempenho de duas das mais elevadas e prestigiadas funções públicas da cidade do Porto três cate-

dráticos da sua Faculdade de Medicina: os Professores Doutores Amândio Tavares, chamado ao elevado cargo de Reitor da Universidade, Fernando Magno, como seu Vice-Reitor, e Luís de Pina, como Presidente da Câmara Municipal. Começava a raiar, na madrugada da indecisão, um sol de promessas.

Tornaram-se mais íntimas, actuanes e frutuosas as relações entre a Universidade e o Município. Paralelamente, valendo-se da sua eminente e respeitada posição no quadro directivo do Instituto para a Alta Cultura (era esta, ao tempo, a sua designação) e do alto prestígio que usufruía como Cientista, o sempre lembrado Prof. Doutor Amândio Tavares não esquecia a cidade do Porto, de toda a vez que, por iniciativa do mesmo Instituto, um cientista de renome no mundo das Ciências, das Artes ou das Letras visitava Portugal, a convite do I. A. C.

Assim aconteceu em 1946, quando veio ao nosso País para conhecer melhor as nossas bibliotecas, nas suas instalações e métodos de trabalho, e os seus recursos quanto a pessoal e equipamento, bem como para aqui proferir lições sobre temas das suas especialidades, o catedrático da Universidade de Barcelona e Director da Biblioteca Central da capital da Catalunha, Prof. Doutor Filipe Mateo Llopis.

Coube-nos a missão de o acompanhar durante a sua visita ao Porto, de tanto incumbido pelo I. A. C.

A visita foi rematada com memorável conferência do ilustre cientista, proferida na Biblioteca Pública Municipal, que



BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL—Aqui funcionaram todos os serviços do Centro de Estudos Humanísticos

dirigíamos então a título interino, para substituir o seu Director titular, Dr. Joaquim Costa, ausente do serviço, durante larga temporada, por motivo de doença.

Quando a visita do ilustre professor catalão foi dada por finda, o magnífico Reitor da Universidade, na sua qualidade de director do I. A. C., ofereceu-lhe um almoço, reunindo à volta da mesa aqueles que mais de perto o acompanharam na mesma visita.

Ficou memorável, essa refeição. Foi animado e frutuoso o diálogo que se travou entre os convivas, a partir do momento em que o Doutor Filipe Mateo manifestou a sua estranheza pelo facto de a Universidade do Porto estar amputada de Estudos Humanísticos Superiores, que já (como o haviam informado) tinha possuído, embora a curto prazo. Pelo número de pessoas que tinham acompanhado, com manifesto interesse, a sua conferência, seguida de vivo diálogo, o professor de Barcelona viera de pronto a concluir que os moradores de uma cidade de trabalho (tal como a da sua terra) estava vivamente interessada em penetrar no conhecimento íntimo das Humanidades, como leque de ciências diversificadas que mais de perto concorrem para a Cultura do homem. Por outro lado, salientou o Prof. Filipe Mateo, o

Porto, como raras metrópoles—e não o era, a cidade, de uma vasta, rica e operosa região? interrogava—dispunha de um invejável suporte para apoio do estudo das Humanidades: magnífica e bem organizada biblioteca pública, museus enriquecidos com variadas colecções de Arte do mais alto valor, bons arquivos... Afinal, o que lhe faltava? Uma Faculdade de Letras!

Foi então lembrado que o Município do Porto, para suprir essa falta, havia criado e mantinha os Estudos Portugueses, confiados à direcção do Prof. Doutor Aarão de Lacerda, que, antes, havia exercido o magistério na extinta Faculdade de Letras do Porto. Foi oportuno o momento para relembrar a acção desenvolvida por essa escola, graças aos Mestres que congregou, no curto lapso da sua existência.

—Porque não tentar a restauração dessa Escola desaparecida?—lembrou o professor catalão, a viver tão intensamente o problema aflorado naquele convívio quanto o viviam os restantes convivas. Ao deixarem a sala que os acolhera para um almoço, levava cada um dos portuenses—eramos quatro, ao todo—bem agasalhada no seu íntimo, a certeza de que algo de novo ia surgir, com base num possível acordo a estabelecer entre a Universidade do Porto, a Câmara Municipal e o Instituto para a Alta Cultura. Fora

PALACETE DO CAMPO ALEGRE—Propriedade da Universidade, no qual passaram a funcionar a Secção de Filosofia e trabalhos de Seminário da Faculdade restaurada





CONSERVATÓRIO DE MÚSICA (CARREGAL). Aqui abriram os Cursos do Estudo Humanísticos em 1947

inesperada e duplamente proveitosa a visita do Mestre catalão. Não tardou a enraizar-se o embrião dos Estudos Humanísticos: a curto tempo viria a florir...

A CRIAÇÃO, EM 1946, DO CENTRO DE ESTUDOS HUMANÍSTICOS

4. Na reunião ordinária da Câmara Municipal do Porto efectuada no dia 10 de Dezembro de 1946, o seu Presidente, Prof. Doutor Luís de Pina, lembrava à vereação e à cidade os bons serviços prestados, no decurso de dez anos, pelos Estudos Portugueses, que eram o timbre espiritual da actividade camarária. Com vista à sua remodelação, havia sido publicada uma disposição especial inserida entre aquelas (Ordem de Serviço 32/45) que visavam congregar as variadas actividades culturais do Município.

Implicava a mesma cooperação—lembrava o Prof. Luís de Pina—um intercâmbio com outras entidades, a começar pela Universidade do Porto, «tanto mais, sublinhou, que nela não existe uma Faculdade de Letras. E os Estudos Portugueses, tal como foram criados, parece que satisfariam alguns desejos de cultura humanística desta nossa terra do Porto:—ponto

é que se conjuguem os esforços daquela Universidade e os do Município».

O Presidente do Município informava, de seguida, ter-lhe comunicado o Magnífico Reitor, naquele mesmo dia (10 de Dezembro de 1946) o empenho que tinha o Instituto para a Alta Cultura em subsidiar, na Universidade, um Centro de Estudos Humanísticos, para o qual esperava encontrar, da parte da Câmara Municipal, a desejada e esperada colaboração. Pela voz do seu Presidente, a Câmara prometeu, desde logo, a mais decidida cooperação, a bem da cultura nacional.

Assim nasceu e foi oficialmente anunciada a criação de um novo Instituto Cultural, denominado Centro de Estudos Humanísticos—catalizador de todas as iniciativas que visavam a restauração da Faculdade de Letras do Porto. A sua direcção ficou constituída pelos Profs. Doutores Luís de Pina (Presidente da Câmara Municipal) Fernando Magano (Vice-Reitor da Universidade) e Aarão de Lacerda, da Universidade de Coimbra, antes Secretário dos extintos Estudos Portugueses. Como Secretário do Centro, foi designado o bolsheiro do I. A. C. Dr. António Cruz, ao tempo director do Gabinete de História da Cidade e também director interino da Biblioteca Pública Municipal, como já se referiu. E foi aí, primeiro naquele Gabinete e depois na Biblioteca, que ficou instalada a secretaria do Centro, aí funcionaram os seus primeiros cursos.

A Direcção reuniu, pela primeira vez, no dia 11 de Março de 1947, porém aí a título provisório, na casa-torre do Gabinete de História da Cidade, traçando logo as linhas gerais da acção a desenvolver pelo Centro.

A abertura ou inauguração solene dos trabalhos do Centro de Estudos Humanísticos realizou-se no salão nobre da Faculdade de Ciências, que também o era da própria Universidade, na noite de 22 de Maio de 1947. Proferiu, então, a primeira lição magistral do Centro o Prof. Doutor Cabral de Moncada, catedrático da Faculdade de Direito de Coimbra, na sua qualidade de Vice-Presidente do I. A. C.

A notável lição do ilustre jurista foi antecedida por uma oração do Reitor da Universidade do Porto, Prof. Doutor Amândio Tavares, na qual o emérito cientista analisou o problema magno do ensino superior e da investigação, que devem—frisou—subsistir lado a lado, mas em colaboração e permuta constantes—adiantava, como que na ante-visão do futuro:

«A Universidade não pode deixar de proporcionar a cultura geral para lutar contra a especialização, a qual deve ser uma cultura humanista, tomando o termo na acepção mais ampla, aquela em que o entendia Renan».

A sessão solene de inauguração do Centro de Estudos Humanísticos foi encerrada com um concerto dirigido pelo Prof. Cláudio Carneiro, antecedido, após a lição do Prof. Cabral de Moncada, por uma oração do Prof. Doutor Luís de Pina, que fez a evocação das tradições culturais do Porto, evidenciadas através de séculos. Na oportunidade, não deixou o então Presidente da Câmara Municipal de salientar:

«Carece a Universidade [do Porto] do trato das Humanidades, ela que se compõe apenas de Faculdades científicas ou técnicas. O próprio Direito lhe falta. Da mutilação injusta nos lamentamos todos que, sem embargo, providenciaremos por outras vias acerca do preenchimento, embora incompletíssimo, desse vácuo universitário e cidadão».

Para bom entendedor, meia palavra basta... O caminho ficava aberto para o reavivar das chamas na lareira das esperanças!

A PRÉ-FIGURAÇÃO DE UMA FACULDADE A RESTAURAR

5. As actividades regulamentares do Centro de Estudos Humanísticos, de acordo com o deliberado pela sua Direcção, como lhe competia, foram iniciadas no ano lectivo de 1947-1948, com os cursos gerais de História da Literatura Portuguesa, História de Portugal, História da Arte, Estudos Portuenses, Grego e Latim, e bem assim com os cursos especiais de Lírica Espanhola, Língua e Literatura Francesa da Idade Média e História do Humanismo Italiano, os primeiros a cargo, respectivamente, dos Drs. Augusto César Pires de Lima, Alfredo Ataíde, António Cruz, Armando de Matos, A. de Magalhães Basto, Isidro Pereira e Severiano Tavares.

Os cursos especiais foram confiados a Maria del Carmen Gutierrez, Jean Girodon e Lorenzo di Poppa, todos eles professores nos Institutos dos seus países existentes ao tempo no Porto e leitores junto da Universidade.

Simultaneamente, cumpria-se a primeira parte de um plano de conferências, que prosseguiu nos anos escolares seguintes. Iniciaram-no, em Novembro e Dezembro de 1947, o Prof. Catedrático de Roma Angelo Monteverdi, que dissertou sobre o tema **Momenti di Vita Latina**, e o Prof. Emilio Garcia Gomez, Catedrático da Universidade Central de Madrid, que teve a seu cargo um ciclo dedicado ao posicionamento dos árabes na Península, após Guadalete (711).

Este primeiro ano lectivo, com a inscrição e frequência de centenas de alunos, foi promissor, como pré-figuração de uma ambicionada Faculdade de Letras. Frequentavam as aulas professores e outros diplomados, comerciantes e estudantes.

Não participou destas primeiras actividades do Centro —a morte, inesperada e lamentável a todos os títulos, no dia 7 de Setembro de 1947, roubou-o ao convívio de todos os seus admiradores e alunos, tantos quantos eram os seus amigos—o Prof. Doutor Aarão de Lacerda. Por sua morte, veio a substituí-lo na Direcção do Centro o Dr. A. de Magalhães Basto, antigo docente da Faculdade de Letras do Porto na primeira fase da sua actividade.

QUINTA AMARELA (CARVALHIDO)
Casa da Faculdade de Letras, ao ser criada em 1919



UM DÉCADA E MEIA AO SERVIÇO DOS ESTUDOS HUMANÍSTICOS

6. As actividades do Centro de Estudos Humanísticos prosseguiram com toda a regularidade e crescente entusiasmo da parte dos seus docentes e daqueles que procuraram colher algum proveito ao frequentá-las, para além dos conhecimentos que tinham antes adquirido, muitos deles, quando da frequência de escolas superiores, nas quais haviam conquistado os graus académicos mais elevados. Contagiantes, o mesmo entusiasmo animava aqueles inscritos no Centro que procuravam vir depois a conquistar na Universidade os mesmos graus ou fortalecer a sua cultura.

Esse entusiasmo foi decisivo para a criação do grupo Amigos do Porto, como muitas vezes tem sido lembrado e relembrado.

Entretanto, reamimava-se, de novo, a empenhada campanha, iniciada em 1945, para a restauração da Faculdade de Letras do Porto. Contava-se, uma vez mais, com a prestante colaboração da Imprensa, primordialmente a regional. Passou a ocupar posição entre os seus órgãos o **Diário do Norte** e logo as suas colunas ficaram abertas aos depoimentos, inclusive, de antigos docentes ou alunos da primeira fase da vida da Faculdade, sobressaindo, entre todos, os Profs. Delfim Santos e Hernâni Cidade, por mais assíduos e mais interessados. Depois, o problema suscitou, na Assembleia Nacional, repetidas intervenções de deputados naturais da região que tem por cabeça a cidade do Porto ou nela fixados, destacando-se entre eles o Dr. Urgel Horta. Sem esquecer, evidentemente, o empenho da própria Universidade, quase que mantendo, a bem dizer, como o seu problema principal, o da restauração da sua Faculdade de Letras. Tanto se ficou a dever ao prestígio que justamente usufruía o seu Magnífico Reitor, o eminente cientista Prof. Doutor Amândio Tavares, repetimos.

Uma nova e feliz coincidência veio, então, a verificar-se: ingressa no Governo, como Ministro da Educação, o Prof. Doutor Leite Pinto, ocupando no ministério o alto-cargo de Subsecretário o Dr. Rebelo de Sousa e as funções de Director-Geral do Ensino Superior o Dr. João Alexandre Ferreira de Almeida.

A conjugação das boas -vontades que lhes era comum revelava-se quando de qualquer das diligências, empreendidas e incessantemente repetidas, junto daquela Secretaria de Estado, no propósito de se concretizar a restauração da Faculdade. Quando solicitadas, superiormente, informações complementares—possibilidade de recrutamento do corpo docente, possibilidade de instalações, etc.—elas foram preparadas e remetidas sem demora.

Anunciadas previamente como visando outro fim e depois relatados por forma a nada mais revelar, por ser quase desconhecido da Imprensa algo para além do que era público—visitas de estudo a instituições, uma ou outra inauguração, etc.—deslocavam-se frequentemente ao Porto quer o

ministro, quer o sub-secretário da Educação. Na verdade, o que os trazia cá? Sobretudo, a concretização da projectada restauração da Faculdade de Letras...

Os arquivos oficiais guardam, por certo, os originais de relatórios e notas elaborados durante esse período, alguns da nossa autoria, porém, quanto sabemos e a existirem, ainda não estão acessíveis à consulta pública. Bem assim como outros documentos de natureza particular... que sabemos terem sido trocados, ao tempo, entre personalidades mandatárias e defensoras das aspirações da Universidade do Porto e da própria cidade e aquelas a quem cabia decidir, pela alta posição que ocuparam. O certo é que os membros do Governo já acima citados—ambos, felizmente, ainda vivos!—não se dispensaram, em certa altura, de anunciar, com júbilo, a quem de direito—que o era pela tenacidade com que desempenhou a ingrata missão de defender os interesses da Universidade, o seu Magnífico Reitor—a restauração da Faculdade de Letras!

Uma sequente remodelação do Governo, a curto prazo, confiava o Ministério da Educação, entretanto, ao Prof. Doutor, Manuel Lopes de Almeida, catedrático da Faculdade de Letras de Coimbra. Coube-lhe, nessa qualidade de Ministro e com o Presidente e restantes membros do gabinete, subscrever o Decreto-Lei n.º 15864, de 17 de Agosto de 1961, que restaurou (ou **criou**, como aí se lê, e com maior rigor jurídico) a Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Com esta resolução, o Governo—di-lo o Relatório respectivo—satisfazia «uma aspiração tão veemente como persistentemente expressa pelo Norte do País e, em especial, por aquela cidade, ao mesmo tempo que procurava resolver problemas suscitados pela superlotação das duas Faculdades de Letras existentes».

Uma Faculdade de Letras completa nos seus quadros, igual às duas a que se referia o Decreto-Lei? Ainda não. De momento, apenas podia conferir o grau de doutor em História, em Arqueologia e História da Arte e em Filosofia. E nela seriam professadas apenas as licenciaturas em História e em Filosofia e ainda o Curso de Ciências Pedagógicas. O quadro de professores da Faculdade, precisava a Lei, seria igual ao que nas Faculdades de Letras das Universidades de Coimbra e Lisboa correspondia aos grupos de Ciências Históricas e Ciências Filosóficas e Ciências Pedagógicas. Os seus lugares seriam providos à medida que as necessidades do serviço o justificassem.

Previu-se desde logo o caso de os concursos para provimento de lugares de professor ficarem desertos ou não darem resultado útil. Nesse caso, podia ser autorizado—no decurso de dez anos, contados a partir da instalação da Faculdade—o contrato de pessoal docente com a designação de encarregado de curso: disposição igual à observada na Faculdade de Economia, criada anos antes. O encarregado de curso teria o vencimento correspondente à categoria de professor extraordinário e era obrigado ao mesmo serviço docente exigido, legalmente, ao professor catedrático,



1931, ÚLTIMO CURSO DE QUINTANISTAS DA FACULDADE DE LETRAS DO PORTO, FUNDADA EM 1919

não podendo, em qualquer hipótese, permanecer ao serviço da Faculdade, com essa categoria por mais de seis anos.

O relatório que antecede o diploma de 17 de Agosto de 1961, iniludivelmente impregnado do pensamento e límpida expressão que eram próprios do Prof. Doutor Lopes de Almeida, observa que as dificuldades encontradas para o recrutamento de pessoal docente—bem demonstradas nas Faculdades de Coimbra e de Lisboa—aconselhavam a manter dentro dos limites legislativos o quadro de estudos da Faculdade do Porto. Porém, não era excluída a hipótese de uma revisão do mesmo quadro, tão depressa as circunstâncias viessem a obrigar à criação de novos cursos.

Assim aconteceu, a curto prazo: reclamava-os o elevado número de candidatos à sua frequência, que passaram a ser lutadores corajosos e assistidos pela Justiça, como o haviam sido os pioneiros. Foi uma luta que mobilizou boas vontades. E os novos cursos foram criados, para satisfação de pretensões justas. A afluência de alunos, pelo seu número inesperado, veio a confirmá-lo.

A DIFUSÃO DA CULTURA ATRAVÉS DE PUBLICAÇÕES

7. Nos termos do respectivo regulamento, enquanto não houvesse órgão próprio do Centro de Estudos Humanísticos os textos das lições e conferências nele proferidas, bem como outros trabalhos, poderiam ser publicados no **Boletim Cultural** da Câmara Municipal, mediante despacho do seu Presidente. Porém, a breve trecho passou o Centro a dispor

de revista própria, intitulada **Studium Generale**: o seu primeiro volume foi publicado em 1953.

Paralelamente à publicação da sua revista, lançou o Centro, em 1958, uma colecção denominada **Amphitheatrum**, cuja colecção foi mantida—assim como a da revista—após a reabertura e funcionamento da Faculdade de Letras, no ano lectivo de 1962-1963. Aquela colecção inseriu valiosos estudos de autoria dos Profs. Luís de Pina, Maria Helena da Rocha Pereira e António Freire, especialmente consagrados a temas das antiguidades latina e grega. Iniciada em 1958, essa colecção foi suspensa em 1968 à falta de apoio de verbas e quando compreendia já doze volumes. Surgira, entretanto, visando o mesmo objectivo, a **Revista da Faculdade de Letras**, com séries dedicadas aos grupos de História, de Filosofia e de Filologia.

O nono volume daquela colecção do Centro inseriu o texto do livro terceiro da **Geografia** de Estrabão, com estudo preliminar, tradução e anotações dos Drs. Francisco José Veloso e José Cardoso. Trabalho notável, invulgar no meio cultural português.

Depois de restaurada a Faculdade de Letras, tomou novo rumo o Centro de Estudos Humanísticos, até então anexo à Universidade e que depois—prosseguindo a mesma vida autónoma que lhe havia sido definida quando da sua criação, em 1946—foi integrado na Escola ressuscitada.

Como é evidente, não era já preocupação maior ou competência sua a manutenção dos cursos regulares que caracterizaram a primeira fase das suas actividades, depois orientadas, quase em exclusivo, para a investigação, a cargo de bolsiros (subsidiados pelo Instituto de Alta Cultura), e a divulgação dos seus trabalhos. Foi um deles—para além dos

que ingressaram, mediante concurso, nos quadros de professores da própria Faculdade—o Prof. Doutor José Matoso.

O núcleo de Arqueologia do Centro de Estudos Humanísticos, entretanto, era animado pela devoção e saber do Dr. Domingos de Pinho Brandão, depois convidado para a docência na própria Faculdade de Letras, que teve de abandonar quando sagrado Bispo de Filaca e auxiliar da Diocese de Leiria. Mantinha-se na direcção do Centro, como Presidente, o Prof. Doutor Luís de Pina, tendo como vogais o Prof. Doutor Fernando Magano e o signatário desta evocação.

Já restaurada a Faculdade e para corresponder a ambicioso e louvável propósito daquele núcleo, foi então lançada a público nova revista, para além do **Studium Generale**; a **Lucerna** (1961). E promovidos, em paralelo, os Colóquios de Arqueologia Portuense, de tão assinalado êxito.

As notas desprezíveis, quanto bem fundamentadas e comprováveis, que aqui reunimos, não são mais do que um modesto contributo para o conhecimento perfeito da História da Cultura na cidade do Porto, em nossos dias. Uma campanha empenhada, sem desfalecimentos, iniciada em 1945, logrou bom êxito, a partir da criação do Centro de Estudos Humanísticos. O fim a atingir verificou-se em 1961, com a restauração da Faculdade de Letras. Curvemo-nos perante a memória dos que iniciaram essa campanha e

jamaiz acusaram fadiga, quando foi caso de a reanimar e conduzir a bom termo.

E mais não queremos ou precisamos de dizer... ou de esclarecer. Basta servir a verdade e só a verdade! Afinal, não me pediam outra coisa antigos e actuais docentes e alunos que frequentaram—ou frequentam—a Faculdade ressuscitada. Nada mais lhes prometi...

Procuraria aclarar—disse—quanto, por vezes, aparece encortinado de ignorância ou desfigurado, na mira de colher fruto sazonado da árvore que outros, tão esquecidos, plantaram por suas mãos e ampararam no seu crescimento. Modestamente, assim o procurei fazer. Dever cumprido...

NOTA FINAL

Para além de relatórios ou simples notas publicadas em sucessivos números da revista **Studium Generale**, a partir do seu primeiro número, podem ser encontradas outras informações em Luís de Pina, **Faculdade de Letras do Porto. Breve história**, artigo inserido na revista **Cale**, Porto, 1966, vol. I (único publicado), fundamentado estudo das condições em que foi criada a primitiva Faculdade, no ano de 1919; e António Cruz, **Centro de Estudos Humanísticos (anexo à Universidade do Porto)**. Breve notícia da sua criação. Porto, 1947.



ANTIGO EDIFÍCIO DA FACULDADE DE MEDICINA DO PORTO—Primeira instalação da restaurada Faculdade de Letras, a partir de 1961